# RELATIVISMO DEMOCRÁTICO: O PROBLEMA ENTRE CIÊNCIA E SOCIEDADE PARA FEYERABEND

Kauan Gautman Dias de Oliveira (PIBIC/CNPq/FA/UEM),
Jeferson Scaccheti Prado (PIBIC/CNPq/FA/UEM),
Vladimir Chaves dos Santos (Orientador), e-mail:vcsantos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR
Filosofia/Epistemologia

**Área: Filosofia 7010004, Subárea: História da Filosofia70101000**

**Palavras-chave:** Filosofia da Ciência, Política, Democracia.

**Resumo:**

Paul Feyerabend (1924-1994) dedicou-se ao campo da filosofia da ciência, debruçando-se sobre questões voltadas tanto para a epistemologia quanto para as faces políticas da ciência em uma democracia. Feyerabend viveu na época da segunda guerra mundial e pôde acompanhar grande parte do desenvolvimento da ciência daquele tempo. O desenvolvimento científico acompanhado pelo filósofo foi influenciado por uma visão racionalista que era baseada em métodos que diferenciavam a ciência daquilo que não poderia ser considerada como tal. Nesse sentido, os processos de obtenção de conhecimento que não poderiam ser aprovados como seguros não eram considerados como científicos, caso não coubessem em determinadas diretrizes de julgamento (que foram cunhadas pelos filósofos e especialistas da ciência naquele tempo histórico). Em sua obra “A Ciência em uma sociedade livre”, Feyerabend sustenta a tese de que a racionalidade não é um modelo a ser seguido por todas as formas de se obter conhecimento, mas que ela é apenas uma entre as vastas tradições existentes nos mais variados povos. O objetivo deste trabalho é buscar compreender os conceitos relevantes estabelecidos pelo filósofo austríaco acerca da Filosofia da Ciência no século XX e que se mostram importantes até os dias de hoje. Pretendemos ampliar o entendimento sobre os rumos tomados pelo conhecimento científico e sobre o modo de fazer ciência que influenciaram e ainda influenciam as bases da formação da sociedade democrática ocidental.

## Introdução

Na sociedade contemporânea, ainda é possível perceber que a ciência, em grande parte, é identificada com uma visão objetiva e neutra do mundo, enquanto o senso comum e outras áreas têm um papel secundário na percepção e avaliação da realidade, isto é, uma visão subjetiva. Essa imagem da ciência pode ser explicada por fatores predominantemente históricos: a Revolução Científica, por exemplo,

iniciada no século XVI e que perdurou até o século XVIII, resultou em um novo entrelaçamento das bases do conhecimento humano. A revolução foi caracterizada pelo início da 'separação' entre filosofia e ciência, uma vez que a ciência deveria adotar procedimentos metodológicos específicos para conseguir superar os modelos até então predominantes, pautados pela ênfase na especulação metafísica. Além da alteração nos procedimentos metodológicos, a nova filosofia serviu de base para evidenciar e eliminar antigas doutrinas, bem como auxiliar na construção de uma nova ciência e no desenvolvimento e amparo de novas teorias marcadas, notadamente, pela ênfase empirista.

A modernidade, além de engendrar uma racionalidade no âmbito da ciência, afastou-se paulatinamente do conhecimento comum. Segundo Rossi (2001, p. 53), "o novo saber científico nasce no terreno de uma áspera polêmica contra o saber dos monges, dos escolásticos, dos humanistas e dos professores". Tal confronto implicou no descolamento da ciência de outros tipos de conhecimento, visando a prática e a objetividade como um ideal a ser seguido. De acordo com Feyerabend (2011b, p. 126), após a Revolução Científica foram eliminadas, primeiramente da estrutura da ciência e, posteriormente, da sociedade, as formas de pensamento mais antigas sobre a Ciência e as visões não científicas. Essa condição que procura eliminar formas de pensamentos consideradas não científicas encontra rastro até hoje, "[...] em que sua sobrevivência está em perigo não só em virtude do preconceito geral a favor da Ciência, mas também por meios institucionais: a Ciência agora se tornou parte do tecido básico da democracia".

Com base nisso, Feyerabend afirma que a institucionalização da ciência favorecida pelo Estado acarretou a restrição do seu contato com o público comum no que diz respeito às deliberações científicas. "O mundo em geral, como visto pelos cientistas, está separado dos eventos insignificantes deste planeta, e até os humanos, como vistos pelos cientistas (principalmente pelos biólogos moleculares), estão separados do que eles mesmos experimentam enquanto seres" (FEYERABEND, 2016, p. 56). Como é exposto por Feyerabend em seu livro "A Ciência em uma sociedade livre" (2011b), os cidadãos, em uma sociedade democrática, devem avaliar o resultado da atividade científica, uma vez que eles são os mais afetados por essa esfera. Para o filósofo austríaco, a história da ciência pode ser representada tanto pelo aspecto racional ou irracional. Seu principal elemento distintivo é o fato de que a atividade científica está intimamente ligada à estrutura social como um todo. A ideia de uma ciência como sinônimo de conhecimento seguro, infalível e racional deve ser questionada a partir de um exame histórico, assim como o autor destaca na sua obra "Adeus à razão" (2010). Dessa forma, Feyerabend oferece uma leitura bastante pertinente acerca do contexto histórico, metodológico e filosófico da ciência, bem como das relações intrínsecas entre Ciência e Estado. Nesse sentido, nosso foco neste trabalho passa por duas questões principais: (i) a noção de ciência tradicional em confronto com a análise feyerabendiana; e (ii) a noção de filosofia política em Feyerabend e suas implicações para a ciência. Tradicionalmente parece haver uma separação entre esses dois pontos, mas Feyerabend trabalha a noção de ciência como uma ideologia entre várias outras. Nesse sentido, assim como a política, a arte e o mercado, a ciência

não pode romper com os laços sociais, uma vez que seus resultados atingem diretamente a sociedade.

## Materiais e métodos

As principais referências para a investigação das relações entre ciência e sociedade são os livros “A Ciência em uma sociedade livre” (1978) e “Adeus à Razão” (1987), de Paul Feyerabend. Além de fornecer uma análise bastante rigorosa dessa relação, o autor contempla, nessas obras, as bases do relativismo democrático.

A partir das questões colocadas por Feyerabend, fomos dirigidos a outros livros do mesmo autor. Para melhor compreensão do tema, também procuramos analisar artigos de outros autores que trabalham temas relacionados com a interpretação do contraposto entre política e ciência na concepção feyerabendiana.

## Resultados e Discussão

A tese de Feyerabend, que estabelece um vínculo necessário para a relação entre ciência e sociedade, é denominada relativismo democrático. Uma sociedade livre não deve ser submissa às suas entidades internas, é necessário inspecioná-las e refreá-las, se preciso. Feyerabend (1980) sugere a criação de conselhos democráticos para supervisionar os feitos e as consequências das organizações poderosas. Se o resultado da ciência se mostrar inútil ou nocivo, então medidas de contravenção devem ser tomadas. No entanto, Feyerabend alerta sobre um possível elitismo intelectual no processo de avaliação das instituições. “Para avaliar, os cidadãos precisam de guias intelectuais, eles precisam de padrões” (FEYERABEND, 1980, p. 10). Por conseguinte, se os critérios de análise são relacionados aos fatores da própria pesquisa, isto é, alteram-se à medida que a pesquisa avança, então somente os agentes internos conseguem entender e ponderar sobre o estudo. Dessa forma, o cidadão que queira avaliar a ciência deve ou tornar-se um cientista ou subordinar-se ao “conselho de especialistas”. Em vista disso, argumenta Feyerabend, “um controle democrático da ciência (e de outras instituições) é, então, impossível” (FEYERABEND, 1980, p. 10).

À luz do exposto, a dificuldade em estabelecer um controle democrático é acentuada, pois o controle democrático deveria ser uma função externa e não interna das instituições. Segundo Feyerabend (2011b), para que o controle democrático seja instituído, “deve haver uma separação do Estado e da Ciência”, do mesmo modo que ocorreu com a cisão entre a Igreja e o Estado. A motivação da divisão se apoia no atributo ideológico das profissões, pois o desiderato de todas as atividades transpassa o caminho de seus resultados. Dessa forma, salienta Feyerabend, “é tarefa da Democracia manter essa ideologia e essa ânsia sob controle” (FEYERABEND, 2011b, p. 68). A ciência não está acima de outras instituições.

Ao abordar conceitos como o do relativismo democrático, Feyerabend aponta para uma questão importante sobre a discussão da prática da ciência e de qual é o papel do conhecimento científico em uma democracia, onde existem tantas

divergências de posicionamento entre os indivíduos. Para o filósofo, é necessário que a população tenha uma participação ativa na escolha de qual será o tipo de conhecimento a receber investimentos pelo governo em determinada sociedade, pois para ele todas as tradições de conhecimento devem ter direitos iguais de acesso e ação política e social.

## Conclusões

Uma visão limitada acerca da realidade é uma restrição para o que é real, sendo assim, uma ciência fechada e intransigente não é capaz de exercer a sua função, que é a de buscar compreender os fenômenos do mundo. Feyerabend (2011b) acrescenta que em uma sociedade democrática, aquela em que o povo possui o poder, não é possível que a ciência se torne a única e suprema maneira de conhecer o mundo, pois isso não seria proveitoso para a própria ciência, impedindo-a de avançar, e tampouco seria correspondente aos valores democráticos em uma sociedade livre.

## Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos ao professor Vladimir Chaves dos Santos e à professora Patricia Coradim Sita, ambos do departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, que prestaram todo o apoio necessário para que eu pudesse realizar este trabalho de pesquisa de maneira satisfatória.

## Referências

ABRAHÃO, Luiz Henrique de Lacerda. (2015) O Pluralismo Global de Paul Feyerabend. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

ROSSI, P. (2001). O nascimento da ciência moderna na Europa. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC.

FEYERABEND, P. K. (1980). Democracy, elitism, and scientific method. Inquiry: An InterdisciplinaryJ ournal of Philosophy, 23, p. 3-18.

FEYERABEND, P. K. (2010). Adeus à razão. Tradução Vera Joscelyne. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP.

FEYERABEND, P. K. (2011a). Contra o método. Tradução Cezar Augusto Mortari. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp.

FEYERABEND, P. K. (2011b). A Ciência em uma sociedade livre. Tradução Vera Joscelyne.São Paulo: Editora UNESP.

FEYERABEND, P. K. (2016). Ciência, um Monstro: lições trentinas. Trad. Rogério Bettoni; Edição, revisão técnica e notas: Luiz Henrique de Lacerda Abrahão. 1. Ed. Belo Horizonte:Autêntica Editora.

YATES, S. (1984). Feyerabend's Democratic Relativism. Inquiry: Na InterdisciplinaryJ ournal of Philosophy, 27, pp. 137-142.

YATES, S. (1985). More on Democratic Relativism: A Response to Alford. Inquiry, 28, pp. 450-453.